casadesarmento
centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NECROLOGIA. AFONSO DO PAÇO (1895-1968).

CARDOSO, Mário

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Necrologia. Afonso do Paço (1895-1968). *Revista de Guimarães,* 78 (3-4) Jul.-Dez. 1968, p. 341-344.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Necrologia

AFONSO DO PAÇO (1895 † 1968).

Com o falecimento do Tenente-Coronel Afonso do Paço, ocorrido em 29 de Outubro do ano corrente, perderam a Pré-história, a Arqueologia e a Etnografia portuguesas um infatigável obreiro e consagrado estudioso nestes ramos da cultura e da investigação científica.

Natural de Outeiro, concelho de Viana do Castelo, onde nascera em 1895, era formado em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa. Mobilizado durante a primeira guerra mundial, foi encorporado como oficial miliciano no Corpo Expedicionário Português a França, onde tomou parte na Batalha de La Lys, alcançando várias condecorações e louvores pela sua exemplar acção em campanha. Regressando a Portugal em 1919, passou ao Quadro efectivo do Exército, e desempenhou sucessivamente diversas funções, entre as quais a de professor do Colégio Militar.

Afonso do Paço revelou desde novo marcada tendência para a investigação científica. Começou por dedicar-se aos estudos etnográficos, publicando em 1926 o seu primeiro trabalho, um livrinho intitulado «Gírias militares Portuguesas», prefaciado por Leite de Vas-

concelos; desde então deu a lume diversos escritos sobre o nosso Folclore e a Antropologia cultural, de muito interesse pelo contributo que trouxeram a esse campo de estudos. Paralelamente, começou a cultivar também os estudos da Arqueologia, sendo consideradas notáveis as explorações que durante muitos anos realizou em colaboração com o Padre Eugénio Jalhay e que, após a morte deste erudito investigador, em 1950, prosseguiu incansàvelmente.

Em 1937, o P.e Jalhay, que podemos dizer foi o grande mestre de Afonso do Paço nas suas primeiras tentativas neste novo ramo das Ciências do Passado, iniciou as explorações do célebre Castro eneolítico de Vila Nova de São Pedro (concelho de Azambuja), nas quais Afonso do Paço dentro em pouco colaborava, e que não mais abandonaria, publicando numerosos trabalhos e relatórios das campanhas ali realizadas. As seis primeiras, até 1942, foram levadas a cabo com Jalhay, alcançando o maior êxito e repercussão em todos os centros europeus de cultura pré-histórica, pela importância das descobertas feitas, que trouxeram novas luzes ao estudo do Eneolítico e do Bronze inicial peninsular.

Em 1944, Jalhay, que era então Vogal da Subsecção de Arqueologia da Junta Nacional de Educação, obteve um pequeno subsídio da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, destinado ao começo de uma nova exploração, essa outra nas ruínas do povoado proto-histórico conhecido pela designação de Citânia de Sanfins, no concelho de Paços de Ferreira. A esses novos trabalhos logo se associou Afonso do Paço, que com ele trabalhou nas quatro primeiras campanhas (1944 a 47), e também aqui foi o continuador de Jalhay, realizando ainda, após a morte deste saudoso arqueólogo, várias pesquisas com os mais profícuos resultados, dando esse rico espólio lugar à criação em Sanfins de um pequeno mas muito valioso Museu monográfico, solenemente inaugurado em 18 de Outubro de 1947 (Vide *Rev. de Guimarães*, Vol. LVII, p. 223-25), três anos antes do falecimento de Jalhay. Pode dizer-se que nessas duas notáveis pesquisas arqueológicas, *Vila Nova de São Pedro* e *Sanfins*, se concentrou o principal e fecundo esforço de Afonso do Paço, como investigador do nosso passado ante-histórico, tendo-se imposto o seu nome de estudioso em todos os centros nacionais e estrangeiros de cultura arqueológica.

Mas, além destes trabalhos fundamentais, muitas outras pesquisas importantes levou a cabo, parte das quais nos arredores de Lisboa — Cascais, Grutas de Alapraia, Montes Claros, Porto Covo, etc., algumas delas também de colaboração com o seu inseparável amigo e companheiro Eugénio Jalhay.

Outras regiões do país chamaram também a sua atenção e curiosidade, como indagador das nossas remotas antiguidades. Acerca da Pré-história do Alto-Minho deixou trabalhos publicados respeitantes a várias estações, entre as quais as de Carreço, Viana do Castelo e Perre, e ainda muitos estudos sobre numerosos achados em diversos lugares do país: — Lapa da Borralheira, Rio Almonda, Elvas, Almodóvar, Fornos de Algodres, Peniche, Évora, Marvão, etc. Catalogou e publicou valiosa bibliografia sobre o Paleolítico e o Mesolítico em Portugal.

Finalmente, também os testemunhos arqueológicos dos estudos históricos medievais atraíram o seu espírito de investigador, realizando importantes escavações no terreno onde se feriu a Batalha de Aljubarrota, e ocupando-se de outros estudos como «Os antecedentes da Conquista de Lisboa por D. Afonso Henriques», em colaboração com Fausto de Figueiredo, «Fortaleza de N. Senhora da Assumpção da Capitania do Ceará Grande», etc.

Foi, em suma, Afonso do Paço, um grande, meritório e incansável trabalhador. Tomou parte activa em numerosos Congressos nacionais e internacionais, representando sempre condignamente a Cultura científica portuguesa no campo da Arqueologia e da Etnografia, tornando-se bem conhecido em todos os meios europeus que percorreu nas suas viagens de trabalho e de estudo, sendo hoje citado frequentemente em muitas obras clássicas de Arqueologia da Península Ibérica.

Era sócio de diversas instituições científicas, entre as quais se contam a Academia Portuguesa da História, da qual era Académico de Número, Presidente da Secção de Pré-história da Associação dos Arqueológos Portugueses, do Instituto de Coimbra, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, da Real Academia Galega, Vogal da Junta Nacional de Educação, Sócio correspondente da Sociedade Martins Sarmento desde 1933, ano em que esta Instituição comemorou solenemente o Centenário do nascimento do sábio etnólogo

e arqueólogo vimaranense. Nesse mesmo ano da sua admissão na nossa Colectividade, colaborou na Miscelânia de Estudos consagrados à memória de Sarmento, editada pela Sociedade, aí publicando um interessante artigo sobre determinado vaso ornamentado, descoberto em Vila Fria (conc. de Viana do Castelo), do tipo dos célebres vasos funerários de fundo esférico e largo bordo horizontal.

Desde então foi um frequente colaborador da «Revista de Guimarães», onde inseriu os artigos que aqui deixamos mencionados pelo seu título e relacionados pela ordem cronológica da sua publicação:

1936-37 — *Pàleo- e Mesolítico Português*. Vol. XLVI, p. 221 e Vol. XLVII, p. 8.
1951 — *Antiguidades de Fontalva (Elvas)*, em colaboração com Octávio da Veiga Ferreira, Vol. LXI, p. 416.
1953 — *Do Castro de Vila Nova de São Pedro à Citânia de Sanfins*. Vol. LXIII, p. 683.
1957 — *Castro de Vila Nova de São Pedro — IX: Forno de cozer cerâmica*. Vol. LXVII, p. 83.
1961 — *Castelo do Giraldo (Évora)*, em colaboração com José Fernandes Ventura. Vol. LXXI, p. 27.
1962 — *Duas inscrições inéditas do Museu de Marvão*, em colaboração com D. Fernando de Almeida. Vol. LXXII, p. 145.
1964 — *Subsídios para uma Carta Arqueológica do Concelho de Vila do Conde*, em colaboração com Elísero Pinto. Vol. LXXIV, p. 143.
1966 — *Jóias pré-históricas de Montes Claros de Baixo (Vimieiro, Arraiolos)*, Vol. LXXVI, p. 157.

Deixou uma larga bibliografia dispersa por jornais e revistas da especialidade, cuja relação merecia ser dada a lume, em edição dos «Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses», por exemplo, que grande serviço prestaria com isso aos estudiosos, sobretudo aos estrangeiros, para um melhor conhecimento da extensão e importância das pesquisas realizadas por este incansável e operoso investigador do nosso remoto passado.

M. C.